



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.746

A CAVALGADA DE SÃO SEBASTIÃO EM CAMBIRA-PR

JOÃO PAULO PACHECO RODRIGUES
(PPH/UEM)

O objetivo principal desse estudo centra-se na compreensão das práticas de sociabilidade estabelecidas pela comunidade cambireense durante a Cavalgada e como essas podem se configurar como um bem imaterial da população residente. Comemorada desde o início do século XX no município de Cambira -PR, a Cavalgada de São Sebastião , vem se constituindo como uma prática cultural Local. Nesse artigo, centralizaremos a discussão sobre a “Cavalgada¹” realizada na cidade homônima, desde 1998. Apesar de a ocupação da cidade ter ocorrido no final da década de 1930, a partir do desenvolvimento da agricultura cafeeira, as cavalgadas geraram o interesse da população residente a pouco mais de dez anos e estão relacionadas à sedimentação das atividades pecuárias.

Como mencionado anteriormente, Cambira está localizada na região norte central do Paraná, cerca de 300 km de Curitiba, esta área que hoje forma o referido município fazia parte de Apucarana até o início da década de 1960, conforme a Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). Em 25 de janeiro de 1961, a região foi emancipada e no mesmo ano tornou-se município, cujo nome foi originalmente atribuído como referência ao cipó muito comum no local, com flores lilás.

Antes de enveredarmos pela reflexão sobre a Cavalgada de Cambira, torna-se necessário apresentar um breve histórico do município, com intuito de observar a origem dos primeiros migrantes que formam a base dos Cavaleiros da cidade.

¹ Localizada na região Norte Central do Estado do Paraná a 310 km da capital Curitiba.

Segundo o memorialista Narciso Capeloto, a primeira família a reocupar as proximidades da região de Cambira foi a do Sr. Francisco Carneiro de Souza, em 1936. Três anos depois, o Sr. Souza, natural de Jacarezinho, fixou residência na propriedade juntamente com sua família. Neste espaço produziam rapadura, açúcar, industrializavam farinha e comercializavam cereais em Apucarana-PR. Por volta de 1937, João Piovesan se mudou com os familiares para a mesma região. No ano seguinte, Pedro Blanco adquiriu um lote na Gleba Dourados, Dito Alves, Carrascoso, Grossi e José Rodrigues estes últimos instalaram-se na região atualmente conhecida como atual Bairro da Bela Vista. Em 1939, as famílias Campanholi e Marafon desembarcaram no vilarejo e passaram a se ocupar da limpeza de sítios e do cultivo do café.

Entretanto, somente a partir da década de 1940, essa região onde se encontra Cambira passou por um processo de parcelamento, comercialização e ocupação do solo de modo mais ofensivo. A partir desta década, intensificou a atuação de companhias de colonização, entre elas, a da Companhia de Terras Norte do Paraná que viria a se tornar a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Em Cambira, assim como quase em todo o norte do Paraná a produção cafeeira foi significativa até meados da década de 1970, no entanto com a famosa “A Geada Negra”, ocorrida no dia 18 de julho de 1975, inúmeras plantações foram abandonadas, dando espaço paulatinamente para o cultivo da soja, trigo, milho e principalmente nos últimos vinte anos para a atividade pecuária.

Conforme apontam alguns depoimentos dos participantes da Cavalgada, podemos relacionar essa prática cultural com a sedimentação das atividades pecuárias, estabelecida como principal atividade econômica nos últimos dez anos. O encontro que acontece duas vezes ao ano é organizado pelos principais pecuaristas da região e o trajeto traçado percorre as áreas onde residem os grandes fazendeiros da região.

A Fé em São Sebastião

A Cavalgada de Cambira acontece anualmente, no segundo final de semana de junho, desde 1998. Segundo o Sr. Jarbas Belesi, Presidente da Associação dos Cavaleiros de Cambira, essa prática cultural tem diversas finalidades: como destinar 20% da arrecadação do almoço para o Hospital de Câncer de Londrina, propagar a importância da preservação do meio ambiente e ratificar a fé em São Sebastião, padroeiro dos Cavaleiros. Sobre esta ótica será analisada a festa em louvor ao Santo dos Arqueiros e como a mesma vem adquirindo o reconhecimento cultural e se tornando uma referência singular na região.

O nome São Sebastião deriva do grego sebastós, que significa divino. Originário de Narbonne e cidadão de Milão foram um mártir e santo cristão, morto durante a perseguição do imperador romano Diocleciano.

De acordo com depoimentos , atribuídos a Santo Ambrósio de Milão, Sebastião era um soldado que teria se alistado no exército romano por volta de 283 d.C. com a única intenção de afirmar o coração dos cristãos, enfraquecido diante das torturas. Era querido dos imperadores Diocleciano e Maximiliano, que estimavam em tê-lo sempre por perto e, por isso, o designaram capitão da sua guarda pessoal conhecida na época de Guarda Pretoriana².

Segundo os livros Apócrifos, São Sebastião nunca teria deixado de ser um cristão convicto e ativo. Fazia de tudo para ajudar os irmãos na fé, procurando levar os ensinamentos do cristianismo aos soldados e aos prisioneiros.

Discretamente, conseguiu converter muitos pagãos ao cristianismo. Até mesmo o governador de Roma, Cromácio, e seu filho, Tibúrcio. Por volta de 286, Sebastião foi denunciado, pois estava contrariando o seu dever de oficial da lei. Teve, então, que comparecer ante o imperador para dar satisfações sobre o seu procedimento. Este se queixou de suas atitudes. Julgado como traidor, foi ordenado a sua execução por meio de flechas. Diante do Imperador. Amarrado a um tronco, foi varado por flechas, na presença da

² A guarda pretoriana (latim: Praetoriani) era o grupo de legionários experientes encarregados da proteção do pretório (praetorium), parte central do acampamento de uma legião romana, onde ficavam instalados os oficiais. Com a tomada do poder por Otaviano, transformou-se na guarda pessoal do imperador.

guarda pretoriana. Foi dado como morto e atirado no rio. Essa passagem serve como ilustração em todas as representações do Santo Arqueiro, como podemos observar na Imagem um.

O bárbaro método de execução de São Sebastião fez dele um tema recorrente na arte medieval, surgindo geralmente representado como um jovem amarrado a uma estaca e perfurado por várias flechas atadas por uma corda, constituindo o seu símbolo heráldico.

Apesar da atrocidade, Sebastião não havia falecido. Encontrado e socorrido por uma viúva chamada Irene (futura Santa Irene) que retirou as flechas do peito e o tratou.

Segundo Alves (2001) assim que se recuperou, se apresentou novamente diante do Imperador, censurando-o pelas injustiças cometidas contra os cristãos, acusando-o de inimigo do Estado. Perplexo com tamanha ousadia, Diocleciano ordenou que os guardas o açoitassem até a morte. Seu corpo foi jogado no esgoto público de Roma. Luciana (Santa Luciana, cujo dia é comemorado a 30 de Junho) resgatou seu corpo, limpou-o, e sepultou-o nas catacumbas.³ . O fato teria ocorrido no dia 20 de janeiro de 288, data em que foi instituída como do patrono dos arqueiros.

São Sebastião foi o ícone de várias expressões artísticas. Foi tema de pintores da Renascença. Na literatura, São Sebastião teve sua trajetória contada no livro "Perseguidores e Mártires", do escritor italiano Tito Casini. Ainda na literatura, foi um dos personagens centrais do romance "Fabíola" (também intitulado "A Igreja das Catacumbas"), escrito em 1854 pelo Cardeal Nicholas Wiseman.

Além da Cavalgada em Louvor a São Sebastião, no Brasil existem outras festividades ao santo de Milão, todas realizadas no dia 20 de janeiro, sendo as mais expressivas na cidade do Rio de Janeiro, em São Sebastião no estado de São Paulo e no Paraná nas cidades de Paranavaí, Quatro Barras, Sengés, Jacarezinho, Andirá, Rio Branco do Sul, Munhoz de Melo, Altônia, Guaraci , Astorga, Japurá, Sapopema e Mandaguaçu.

A cavalgada de São Sebastião em Cambira

A Cavalgada de Cambira pode ser dividida em três momentos: o primeiro chamado “Partida”, no qual cavaleiras autoridades eclesiásticas, políticas, lideranças sociais e a população nativa se reúnem e dão início às solenidades festivas. Nesse estágio, o pároco local “abençoa” todos os cavaleiros que participam do encontro e estimula as atividades subsequentes ao “Passeio”, ou seja, trajeto que percorre os limites territoriais da zona rural do município até a Capela de São Sebastião. Nesse espaço, se dá o início da terceira e última etapa do encontro: “A Festa”, na qual são premiadas as comitivas e são servidos porções de Costela Assada para a população que acompanha os cavaleiros.

Na imagem abaixo podemos observar a etapa da “Partida” e também notamos que o fotógrafo coloca em evidência um ângulo mais restrito da cavalgada privilegiando o enfoque do aglomerado de pessoas que ocupam todo o centro da fotografia. Sem dúvida, notamos que esta estratégia do fotógrafo demonstrou preocupação com o enquadramento do maior número de pessoas possível. No canto direito da imagem, notamos um barracão que, segundo alguns moradores, funciona como Ginásio de Esportes. Mais abaixo, podemos observar uma faixa branca com os dizeres: 10ª Cavalgada Ecológica de Cambira.



Figura 1: A partida. (2010) Autoria: Alessandro Arzani.

Segundo Peter Burke (1992), o uso da imagem como fonte de pesquisa pode enriquecer muito o conhecimento e a compreensão do passado, no entanto, exige extremo cuidado. O historiador ao analisar uma fotografia deve pesquisar as motivações do fotógrafo, as suas relações sociais e culturais, com qual finalidade e para quem a foto foi produzida. Sobre os cuidados que o historiador deve tomar ao utilizar a imagética como fonte de pesquisa histórica, Martine Joly (1994) afirma que o uso dessas pode acarretar num paradoxo curioso:

Por um lado, temos as imagens de um que nos parece perfeitamente natural, [...] aparentemente não exige qualquer aprendizagem, e por outro temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem manipular submergindo-se da nossa ingenuidade (JOLY, Martine, 1994, p. 10).



Figura 2: A partida. (2010) Autoria: Alessandro Arzani.

Na segunda imagem é registrado um momento interessante da Cavalgada: trata-se do discurso das principais lideranças do município, justapostas hierarquicamente. No centro se encontra o pároco local, que fazia um sermão direcionado aos Cavaleiros enfatizando a defesa do meio ambiente, a preservação dos solos e principalmente o cuidado com as tropas e manadas. Ao lado direito do pároco local, está a então prefeita Neusa Belini e o seu esposo (ex-prefeito do município Sidney Belini). Do lado esquerdo, estão as lideranças da Associação dos Cavaleiros de Cambira.

Durante o discurso de Neusa Belini, o termo “pioneirismo” é mencionado em diversos momentos, além disso, a maioria dos depoimentos de moradores de Cambira enfatiza a importância do “pioneiro” na constituição social da cidade. A construção da memória que podemos denominar de “frente pioneira” mantém-se, ainda hoje, enraizada e constitui um dos argumentos de “orgulho” e de sentido de pertença difundidos por políticos e demais munícipes, principalmente em festividades sejam cívicas ou religiosas. Atentamos para a festividade. Após o discurso das principais lideranças, acontece o segundo rito, denominado de passeio. Nesse momento a tropa de Cavaleiros “desfila” pelas principais avenidas do município, como podemos observar na imagem abaixo.



Figura 3. O passeio (2010). Autoria: Daniela Moraes de Almeida.

Nesta fotografia atentamos novamente para a hierarquia existente no festejo. Na carroça que lidera os Cavaleiros estão o então deputado estadual Miltinho Pupio e a então prefeita Neusa Belini. Atrás da carroça notam-se dois cavaleiros carregando uma faixa amarela com os dizeres “Estância Rancho Mus Tang”. Essa faixa serve como propaganda do rancho Mus Tang, localizado na cidade de Ivaiporã.

Depois do desfile nas ruas de Cambira, os Cavaleiros partem para a “Trilha Ecológica” da festividade, em conformidade com os discursos das lideranças da cidade, o Sr. Jarbas Belesi afirma:

O que tem de característica da nossa cavalgada é que da região toda, a nossa trilha é a melhor trilha que se tem para as cavalgadas porque a gente realmente procura evitar passar por mata, rio, pra ver a questão da mata ciliar, a gente passa pelo pasto e evitando passar por estradas já de rotina; então você vê paisagens que normalmente de carro você não vê.

Cabe ressaltar que a transcrição das entrevistas foi cautelosa, não se acrescentou palavras, tampouco, se interferiu nas falas dos sujeitos históricos contatados.



Figura 4 O Passeio (2010). Autoria: Daniela Moraes de Almeida

Na imagem acima se pode captar uma das “trilhas ecológicas” da Cavalgada de Cambira e nota-se que os Cavaleiros galopam por carreadores e não pela vegetação bruta. O passeio se constitui uma espécie de fila indiana e obedece a uma ordem, na qual as Comitivas mais antigas se colocam a frente.

Depois do passeio, acontece a última parte da prática cultural: “a Festa”. Nesse momento, aspectos religiosos e profanos hibridam-se através dos cultos religiosos em frente a Capela de São Pedro e das premiações, almoço e confraternização dos Cavaleiros no Salão Paroquial do bairro Bela Vista.

Segundo alguns moradores, esse estágio é considerado o ápice da festa. Na chegada dos Cavaleiros uma bateria de fogos de artifício é disparada com intuito de chamar a atenção da população local. Como podemos observar na imagem a seguir:



Figura 5. A chegada (2010) Autoria: Alessandro Arzani.

Nesta fotografia, o autor do registro optou-se por utilizar uma angulação que privilegiou a tomada da estrada onde galopam os cavaleiros, bem como a presença dos moradores de Cambira que esperam pela passagem dos mesmos.

Após a acolhida dos Cavaleiros, os mesmos se fixam nas proximidades da Capela de São Pedro e agradecem as bênçãos recebidas durante todo ano. Segundo Luis Carlos de Melo, os agradecimentos são decorrentes de “bênçãos” como a chuva “ordeira” em todo ano, que ajuda nas atividades agrícolas dos produtores do município.

Em seguida, os Cavaleiros se acomodam no Salão Paroquial, na qual se inicia as premiações da Cavalgada. Segundo Marcelo Steffani, membro da comitiva de São Sebastião, ela obedece a uma dinâmica que prioriza o trato dos animais e as singularidades das comitivas:

Bom, durante a cavalgada o pessoal da organização né, os nossos colegas, eles observam aquela comitiva mais organizada, porque tem uns que vem só pra fazer bagunça, então tem também os cavaleiros mais bem trajados, os cavalos também bem escovadinhos, tem uns com trancinha, bem ajeitadinhos... Então vem caprichado mesmo para a cavalgada. Então quando chega aqui, até em homenagem àquela comitiva mais distante que se deslocou, à comitiva mais numerosa, então isso tudo é pra vamos assim dizer, pra motivar para o ano que vem a gente tê-los ou pra ter outra comitiva assim mais organizadinha, e temos também o cavaleiro mais jovem que teve um ano que foi do Pirapó de três aninhos, então ele recebe um troféu, tem o da amazona mais jovem, o da amazona personalizada, o da

amazona mais experiente pra não falar mais idosa né, e sempre eu que levo o troféu da mais idosa e aí o pessoal vai entregando, chamando né a comitiva mais distante, o cavaleiro mais equipado³.

Após a entrega dos prêmios, é realizado o almoço, onde o prato servido desde a primeira edição da festa é a Costela Assada. Segundo Luis Carlos de Melo, membro da Associação dos Cavaleiros e então secretário de saúde do município, a escolha pelo prato deve-se a atividade pecuária no local que é a principal fonte econômica da cidade. O Secretário ressalta ainda que a festa é resultado de um esforço coletivo que envolve as associações comerciais, a administração municipal e a comunidade cambireense.

O secretário reforça que a Cavalgada vem ganhando cada vez mais adeptos devido a dois fatores: o primeiro refere-se à ideia de continuidade que os Cavaleiros mais velhos passar para os seus filhos, como podemos atestar na fala do Sr. Marcelo Steffani.

Eu acho a Cavalgada uma coisa muito saudável e acho que a participação da família é fundamental, então a Adriara sempre me acompanhou desde pequeninha ela esta um pouco envergonhada, mas ela sempre me acompanha inclusive a gente faz enduro a cavalo outra coisa que envolve sempre a família, e eu acho o cavalo uma das coisas mais saudáveis, você faz amigos, você participa sempre de uma confraternização no final e é uma coisa que eu quis transmitir a minha filha eu acho que ajuda a dar esse censo de companheirismo, de natureza, sair um pouco do shopping, sair do asfalto, eu sempre gostei de cavalgar, graças a Deus, minhas filhas gostam, minha esposa gosta também, mas só que ficou com a minha pequeninha que eu espero que também com o tempo venha a participar junto com a gente.

O outro aspecto se deve ao fato dos moradores de Cambira se identificarem com a Cavalgada, pois a principal atividade econômica do município, a pecuária, emprega uma significativa parte da população. Após o almoço, é realizada a última parte da “Festa”, em que um show de música sertaneja de raiz embala todos os envolvidos e as festividades se encerram no final da tarde.

Como podemos observar a Cavalgada de São Sebastião em Cambira se constitui como uma pratica cultural local impar, na qual existem o sentimento de pertença entre comunidade e o ato religioso e festivo.

³ Entrevista com Segundo Marcelo Steffani realizada no dia 15 de agosto de 2009, tendo 40 minutos de duração

Conclusão

No estudo ora apresentado, buscou-se compreender a dinâmica da Cavalgada de Cambira sem dissociá-la do contexto sociocultural e econômico no qual foi implementada. Essa prática cultural reúne singularidades pertinentes à população residente como, por exemplo, o culto ao São Sebastião, a valorização das atividades pecuaristas, a preservação do meio ambiente e da memória dos primeiros migrantes.

Nessa festividade detectamos a convivências entre elementos sagrados e profanos que se hibridam durante todo evento, nos sermões do Padre que chama a atenção para a necessidade da preservação do meio e dos bens naturais; já os sinais profanos da festa se manifestam na comensalidade, na dança e nas músicas sertanejas.

É fundamental destacar o envolvimento da população durante a realização da Cavalgada de Cambira, tanto no âmbito religioso quanto ao profano. No dia festa foi possível observar os munícipes se preparando para receber cavaleiros e as Comitivas. Além do sentimento de pertença enraizado em muitos Cavaleiros que levavam seus filhos de modo a compartilhar suas vivências e transmitir ideais, principalmente aqueles relativos à preservação do meio.

O festejo também permite o convívio entre homens, mulheres e crianças de distintos seguimentos sociais, propiciando trocas culturais e religiosas. Nas cavalgadas, as famílias que haviam convivido nas décadas de 1950, 1960 e 1970 reencontraram os antigos companheiros de labuta ou os amigos de infância e com orgulham apresentam os netos e demais descendentes da família.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DPEA, 2003.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**, Campinas: Papirus, 2004.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura Paranaense: 1900-1970**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 1977.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. – **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. Ave Maria, 1977

DE VARAZZE, J. (2003). **Legenda áurea: vida de santos**. São Paulo, Companhia das Letras.

DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná: Estudos de História Regional**. EDUEM: Maringá, 1999.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Minc-Iphan, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 133-161.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa (et al., orgs.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural, consciência e preservação**. São Paulo; Brasiliense, 2009.

SANT'ANNA. Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.